

NOTÍCIAS | ANO XV | RIO DE JANEIRO | JULHO 2016

FEBRA PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[56]

WWW.FEBRAPSI.ORG.BR



ENTREVISTA:
antropóloga
Lilia Moritz Schwarcz

CULTURA:
House of Cards

The Ohio Gang, de R. B. Kitaj - 1964

Nesse mundo de indiferenças, como a psicanálise pode fazer a diferença?



Desde o primeiro instante do encontro analítico, paciente e analista - em sua presença, nas diferentes formas (voz, gestos e movimentos) e conteúdo de suas trocas - instauram um dos infinitos cenários do campo cultural, ou seja, são permeados pelas forças que o determinam. "A psicologia individual é uma psicologia social" (Freud, 1913). Ao mesmo tempo, o enquadre analítico é um instrumento de observação, de estudo e de intervenção neste tecido cultural, do mesmo modo com que, nas ciências, espécies da natureza - físicas, inorgânicas, orgânicas e vivas - são objetos de observação, estudo e intervenção em enquadramentos análogos: os laboratórios. Porém, o que é obtido em condições isoladas - pelos enquadres - deve voltar ao céu aberto (FEPAL): deve ser explorado e pensado nos específicos regimes dos campos de seu engendramento. A obra de Freud é uma implicação constante com este dever nos terrenos da antropologia, da saúde mental, da tecnologia, da história, da literatura, da arte, do direito, da política, da religião e da educação. Há algo peculiar à psicanálise que a distingue de outros campos de investigação: há um fator central que resiste e se opõe - suspende, suprime, nega, recalca, recusa e rejeita - à descoberta da vida psíquica. Uma oposição que encontra consolo na razão empírica indutiva ou em um psicologismo que concorrem com nossa insistência em nosso próprio método. A aderência e a submissão à razão classificatória da psiquiatria, aos achados e mecanismos da neurociência, aos arrazoados da sociologia moderna e da pedagogia e aos precários modelos e "conceitos" jurídicos (varas do menor e da família), é destrutiva para a psicanálise, e sem eficiência alguma no nosso diálogo com essas disciplinas. Ademais, o avanço da psicanálise desde a morte de Freud vem reforçando, mesmo que em estilos técnicos e em sistemas teóricos diversos, as direções finais do criador da psicanálise. Nelas Freud demonstra porque a força motriz da cultura é passível de inverter as aquisições psíquicas rumo à destruição das mesmas. Consequências que transpõem o papel da psicanálise e do psicanalista para além do campo de ação da clínica e do pensar de suas implicações nas diferentes áreas da cultura: elas o tornam também responsável por um certo cuidado pelos destinos da própria cultura.

A FEBRAPSÍ vem manifestando há algum tempo o ensejo de colocar em relevo a implicação do trabalho analítico com o campo da cultura - social, comunitário, político, científico e cultural - através de suas revistas, jornadas e congressos que constituem os seus meios de expressão no campo psicanalítico. O nascimento desta gestão com uma nova diretoria, de Comunidade e Cultura, assim como nosso esforço em colaborar para englobar o Congresso Psicanalítico de Línguas Portuguesas - o primeiro, realizado em maio deste ano em Lisboa - dentro da nossa agenda permanente, atestam para a orientação acima. Há mais de quinhentos anos, a língua portuguesa vem se instalando em meio a uma história fascinante de colonização, luta, migração e produção cultural além de uma potencial fraternização, digna de estudo e de exploração psicanalítica. Estamos entusiasmados com essas perspectivas que acredito fortaleçam nossa vitalidade.



Daniel Delouya
PRESIDENTE

No complexo e polarizado cenário político e social que estamos vivenciando, temos nos deparado com um preocupante quadro no qual encontramos, em um polo, uma perturbadora indiferença com o outro e com o seu sofrimento, o que abre espaço para a emergência de soluções narcísicas e pouco solidárias. Por outro lado, as diferenças, de qualquer natureza, uma vez não toleradas, provocam conflitos, movimentos de segregação, rupturas e desencontros. Se a diferença, quando possibilitada, pode estimular a criatividade, a indiferença, por sua vez, significa desamparo e destruição da oportunidade do encontro e da integração. Diante deste complexo panorama, procuramos investigar e explorar o tema em uma entrevista com Lilia Moritz Schwarcz (Professora Titular no Departamento de Antropologia da USP), profunda conhecedora da história da formação da realidade brasileira. Fomos adiante e buscamos a opinião de alguns colegas, a partir da seguinte provocação: **Nesse mundo de indiferenças, como a psicanálise pode fazer alguma diferença?** Nos artigos de Arnaldo Chuster, Luciana Saddi, Eneida Iankilevich (com a visão de uma psicanalista de infância e adolescência) e Leonardo Siqueira Araújo (com a visão de um Psicanalista em formação) tivemos o início de um debate que esperamos poder dar continuidade por meio do site e Facebook da FEBRAPSÍ. Maria Bernadete Amendola C. de Assis aceitou o desafio de abordar esse mesmo tema através de um dos mais comentados sucessos da televisão atual, o seriado *House of Cards*. Temos também as notícias da FEBRAPSÍ, dentre as quais se destaca o convite inicial para o nosso XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise, a realizar-se em Fortaleza/Ceará entre os dias 01 a 04 de Novembro de 2017, a nova Diretoria de Comunidade e Cultura da Febrapsi e o convite da Revista de Psicanálise.

Por fim, manifesto meu orgulho em poder participar de uma equipe editorial competente e motivada, composta por colegas de três distintas Sociedades de Psicanálise, Ceres Leonor Tavares (SPPel), Magda Beatriz Martins Costa (SBPPA), Sandra Regina Machado Wolffenbüttel (SPPA), e pela jornalista Ana Claudia Klein.

Boa Leitura.



Celso Halperin
EDITOR

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE
PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editor: Celso Halperin

Comissão Editorial: Ceres Leonor Tavares, Magda Beatriz Martins Costa, Sandra Regina Wolffenbüttel.

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS

Ana Klein DRT/RS 8741 Vera Nunes DRT/RS 6198

CAPA

The Ohio Gang, de R. B. Kitaj - 1964

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Anderson Muniz / Daniella Ferst - CLEMENTE DESIGN

IMPRESSÃO

Gráfica Odisséia

Federação Brasileira de Psicanálise
Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / Sala 704
RJ - CEP 22020-001
Tel/Fax: 55 21 2235.5922 / 2545.5138
email: febrapsi@febrapsi.org.br
site: www.febrapsi.org.br

*Sugestões, dúvidas ou críticas podem ser enviadas
para jornal@febrapsi.org.br*

I CONGRESSO DE PSICANÁLISE EM LÍNGUA PORTUGUESA: *êxito que deu frutos*

"Violência, memória e identidade" foi o tema do I Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, realizado em Lisboa de 12 a 14 de maio de 2016

Organizado pela Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI) e Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), o evento patrocinado pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA), contou com o apoio da Federação Latino Americana de Psicanálise (FEPAL) e Federação Europeia de Psicanálise (EFP).



MESA DE ABERTURA DO CONGRESSO

o ruto dos Congressos Luso-Brasileiros promovidos pela FEBRAPSI em parceria com a Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), este I Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa se propôs a um novo e ousado passo: reunir representantes de todos os países de língua portuguesa que constituem a CPLP - Comunidade de Países de Língua Portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste) - e da cidade de Macau (China).

"Um entusiástico e emocionante encontro, por Skype, das comissões científicas portuguesa e brasileira, no XXV Congresso da FEBRAPSI, em São Paulo, marcou data e local para o I Congresso", recordam Ney Marinho e Luiza Branco Vicente, coordenadores, respectivamente, por Brasil e Portugal, da organização do evento.

Os presidentes da IPA, Stefano Bolognini, da FEP, Jorge Canestri e Fernando Orduz, da FEPAL, enviaram vídeos para a abertura do Congresso. A Diretora Científica da FEPAL, Letícia Neves, colaborou com o eixo clínico. Houve encontro de estudantes de psicanálise – brasileiros e portugueses – que participaram de atividade clínica própria, escolhendo seus supervisores.

Foram mais de 100 participantes, dos quais 77 brasileiros (2 residentes na Inglaterra, 1 na Itália e 1 na Bélgica). Todos os países da CPLP estiveram representados e apresentaram trabalhos, assim como a cidade de Macau.

O Congresso, de caráter multidisciplinar, contou com a participação de profissionais da Psicanálise, Psicologia, Psiquiatria, Medicina, Física, História, Sociologia, Literatura, Música, Artes Plásticas, Cinema, Filosofia, Sociologia, Diplomacia e Política. Cabe ressaltar que entre os quarenta e sete trabalhos apresentados, quatorze foram de autoria de brasileiros, além da participação em discussões clínicas e apresentação de pôsteres.

SOBRE O CONTEÚDO:

Entre os temas que frequentaram o Congresso estão a dor das migrações forçadas (quer de portugueses que perderam Angola, por exemplo, quer de africanos); a perda da

Organizado pela Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI) e Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), o evento contou com o patrocínio da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e com o apoio da Federação Latino Americana de Psicanálise (FEPAL) e Federação Europeia de Psicanálise (EFP).

identidade dos descendentes de escravos; a criatividade e a destrutividade (na obra de arte, na paz e na guerra). Também um estudo transcultural do suicídio despertou grande interesse e novas perspectivas de utilização da riqueza das variadas culturas. Marinho chama atenção para o clima de emoção que pairou no evento: "ouvi muitos relatos sobre a percepção dos participantes, destacando o fim de alguns preconceitos. Ouvi também que o Congresso foi um ato, ato da solidariedade, amizade, paz e diálogo, unindo razão e emoção, num mundo dilacerado pela violência, o terror, o preconceito, a intolerância. Um ato psicanalítico."

Os psicanalistas portugueses selecionaram cuidadosamente versos de Fernando Pessoa, Camões, Manuel de Barros, Carlos Drummond, Chico Buarque, Agualusa, Mario Quintana, Mia Couto, para que cada mesa –

além do título formal – tivesse uma penumbra de significado dada pelos poetas.

A apresentação do documentário – Olhar de Nise, A psiquiatria das imagens do inconsciente – teve a participação nos debates do diretor Jorge Oliveira e a produtora Ana Maria Rocha, ambos alagoanos, conterrâneos de Nise da Silveira.

SOBRE AS PERSPECTIVAS:

Sobre as perspectivas definidas no Congresso, Marinho explica que, conforme ficara decidido no último Congresso da FEBRAPSI, "o Congresso de Psicanálise em (os portugueses preferem de) Língua Portuguesa passaria a fazer parte da agenda de congressos de nossos países". Um sistema de rodízio que começou por Portugal/País Africano de língua portuguesa, Timor ou Macau/Brasil. Também ficou combinado que somente o país anfitrião cobra inscrições (norma mantida para facilitar a frequência e já adotada nos antigos luso-brasileiros).

Ficou evidente a importância de manter o patrocínio da IPA, dada a receptividade africana para com a psicanálise. Um exemplo disto foi o fato da Associação de Psicólogos de Cabo Verde ter dedicado o dia do Psicólogo a "Pensar Freud", em todo o país. Na avaliação de vários participantes que estiveram no evento "houve um estreitamento das relações com os colegas portugueses que deram uma admirável demonstração de hospitalidade, competência, bom gosto e solidariedade".



FEBRAPS cria nova *Diretoria* DE COMUNIDADE E CULTURA

Sensível ao movimento de articulação da psicanálise com a arte, com a ciência, com a política, com projetos de responsabilidade social, com os movimentos populares, ambientais, enfim, com a cultura, a FEBRAPS, por meio da sua Assembleia de Delegados realizada em novembro de 2015, resolveu se unir às várias federadas para propor uma reflexão sobre a necessidade de uma ampliação do espaço analítico. Criou, assim, a nova **Diretoria de Comunidade e Cultura**, que passa a ocupar o lugar da Diretoria de Relações Internacionais, agora extinta, cuja função será exercida diretamente pelo próprio Presidente da instituição. Daniel Delouya, um entusiasta da ideia, lembra que Freud já chamava a atenção, no trabalho sobre Psicologia de Grupo, que a psicologia individual é, ao mesmo tempo, também psicologia social. Ou seja, há uma necessidade de pensar na clínica contemporânea a partir de um olhar que compreenda que não há como o homem ser pensado e analisado senão como um ser vinculado à sua realidade e à sua cultura.

A partir do espaço analítico, também a comunidade e a cultura são um palco ampliado para a expressão da vida psíquica do indivíduo, principalmente se dispusermos do rico instrumental psicanalítico para sua compreensão. Em parceria com a Diretoria de Comunidade e Cultura da FEPAL está sendo proposta uma pesquisa, junto às federadas, para conhecer os ricos trabalhos que já vem sendo feitos sobre o tema, buscando uma articulação e reflexão conjunta. Além disso, ocorrerá em Brasília, em novembro de 2016, uma Jornada preparatória para o XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise, enfatizando esse enfoque a partir do título "Morte e Vida: Novas configurações na Cultura e na Comunidade".

Revista chega ao seu número 50 e já TEM A PROGRAMAÇÃO PARA 2017

A Revista Brasileira de Psicanálise
chegou em 2016 aos 50 anos de circulação.

A editora Silvana Rea explica que para este número comemorativo foram selecionados textos dos pioneiros, publicados pela Revista. "Aqui, encontramos um ponto de confluência que já indica nosso histórico caminho: os pioneiros da revista são os pioneiros da psicanálise no Brasil", constata. E a programação editorial para 2017 já está definida. "Queremos estimular os colegas interessados ou que estudem os temas, a enviarem seus artigos para nós", afirma a editora. Os trabalhos devem ser enviados para rbp@rbp.org.br.

PROGRAMA EDITORIAL PARA 2017: NÚMERO 51

VOLUME 1 - EXÍLIOS E REPATRIAÇÕES: O movimento de ir e voltar, ser expulso e reintegrado sugere tanto aspectos intrapsíquicos quanto nos faz pensar em situações concretas de populações e da vida de cada um. Como a psicanálise pode abordar estas questões? **Envio até 25/10/2016**

VOLUME 2 – FAMÍLIAS: As mudanças nas relações entre gêneros e da estrutura sociocultural realizaram modificações nos modelos de família. Como eles nos chegam em nossas clínicas? **Envio até 25/01/2017**

VOLUME 3 – TÉDIO: Apesar de não ser exclusividade da subjetivação pós-moderna, o tédio chega aos nossos consultórios pela queixa do sentimento de falta de sentido diante da vida, de latência do tempo e vazio espacial. Como entendê-lo em sua especificidade? **Envio até 25/04/2017**

VOLUME 4 – CRIANÇA: Ela está sempre presente no anacronismo temporal proposto por Freud, seja na análise de crianças propriamente dita, seja no trabalho com adultos. O que nos diz a criança, em nossos consultórios? **Envio até 25/07/2017**

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Daniel Delouya
Secretária Geral: Anette Blaya Luz
Tesoureiro: Wagner Francisco Vidille
Diretor Científico: Ney Couto Marinho
Diretora do Conselho Profissional: Rosane Muller
Diretor do Departamento de Publicações e Divulgação: Celso Halperin
Diretora de Comunidade e Cultura: Cintia Xavier de Albuquerque
Diretor Superintendente: Rosa Maria Carvalho Reis

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Karel De Ublo
Assessora de Comunicação: Priscila Dalcin

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Silvana Rea
Editora Associada: Cintia Buschinelli

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Ney Couto Marinho
SBPSP: Vera Regina Jardim Ribeiro Marcondes Fonseca
SPRJ: Maria Terezinha Henriques
SBPRJ: Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
SPPA: Zelig Libermann
SPRPE: Carolina Cavalcanti Henriques
SPBsb: Maria Sílvia Regadas de Moraes Valladares
SBPdePA: Patrícia Menelli Goldfeld
SPPel: Christine Marques Castro Vinas
SBPRP: Silvana Maria Bonini Vassimon
APERJ-Rio4: Rosa Raposo Albé
SPMS: Leila Tannous Guimarães
GEPMG: Marília Macedo Botinha
GEPG: Lúcia Helena Meluzzi Xavier
GEPFor: Galba Lobo Júnior
GEPCampinas: Martha Prada e Silva
GPC: Sérgio Seishim Kaio

DELEGADOS

Nilde J. Parada Franch	de Assis
Regina Elisabeth Lordello Coimbra	Ana Cláudia Gonçalves Ribeiro de Almeida
José de Matos	Lindemberg Ribeiro Nunes Rocha
Judit Kosa Letsche	Rosa Maria Raposo de Almeida Albé
Miguel Calmon du Pin e Almeida	Maria de Fátima Chavarelli
Fernanda de Medeiros Arruda Marinho	Paulo Marcio Bacha
Maria Lucrécia Scherer Zavaschi	Sergio Kehdy
Eleonora Abbud Spinelli	Rosália Lage Martins Bicalho
José Fernando de Santana Barros	Álvaro Alves Velloso
Magda Sousa Passos	Marísia Abrão
Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregorio	Paulo Marchon
Roberto Calil Jabur	Valton de Miranda Leitão
Ana Paula Terra Machado	Nelson José Nazaré Rocha
Hemerson Ari Mendes	Hang-Ly Homem de Ikegami Rochel
Christine Marques Castro Vinas	Edival Antônio Lessnau Perrini
Maria Bernardete Amêndola Contart	Andreas Zschoerper Linhares

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Nilde J. Parada Franch

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)

José de Matos

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Miguel Calmon du Pin e Almeida

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)

Maria Lucrécia Scherer Zavaschi

Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE)

José Fernando de Santana Barros

Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)

Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregorio

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)

Ana Paula Terra Machado

Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)

Hemerson Ari Mendes

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)

Maria Bernardete Amêndola Contart de Assis

Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ-Rio4)

Lindemberg Ribeiro Nunes Rocha

Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)

Maria de Fátima Chavarelli

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG)

Sérgio Kehdy

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG)

Álvaro Alves Velloso

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFor)

Paulo Marchon

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas)

Nelson José Nazaré Rocha

Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)

Edival Antonio Lessnau Perrini

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo de Psicanálise de Marília e Região	Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Natal	Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo Psicanalítico de Maceió	Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis	Núcleo de Psicanálise de Uberlândia
Núcleo Psicanalítico de Aracaju	

VERDADEIRA CONSIDERAÇÃO

Indiferença. Essa é a provocação para este artigo, e o signo sob o qual todos nós, supostamente, viveríamos neste tempo.

Não posso discordar de que há muita indiferença nas relações entre as pessoas. Mas talvez a coloque de uma forma um pouco diferente: minha impressão é de que vivemos em um mundo de *falsa empatia*, de *pretensa consideração*. Falso, não no sentido de que o sentimento, a raiz, não seja bem-intencionado, mas sim na constatação de que seu efeito, ao invés de ser uma apreciação verdadeira, é uma nova apresentação da indiferença.

Não é difícil perceber isso fazendo uma crítica da sociedade. Falemos de um assunto da moda, por exemplo – a internet. Ela nos proporcionou formas de conexão mais rápida e eficaz do que nunca, e por meio dela pudemos começar a engendrar algo que fosse realmente revolucionário na interação humana. Porém, no momento de inquietação em que clicamos para “curtir” ou “compartilhar” uma publicação, ou mesmo na escrita de um texto (e não seria este aqui somente um outro?) a sensação que se dá é de que o desejo não é empático, e sim somente de um apaziguamento, um sentimento de dever cumprido, algo como a esmola que se dá a um pedinte no sinal de trânsito. Ela dada, podemos fechar a janela de volta para encerrar-nos novamente no mais profundo narcisismo.

Pois bem, acredito que não há nada de novo nisso que digo. Tem sido bradado em todos os congressos, jornadas e encontros em que estive. Os pacientes só querem saber do que é rápido, do que é virtual, não estão mais interessados em um contato verdadeiro, não suportam a proximidade da análise, ou sua duração, etc. A questão para mim está em isso ser algo que se diz *para lá*. Eles estão desinteressados. Ora, seria bem presunçoso de nossa parte supor que a psicanálise, ou os psicanalistas, estariam fora desse campo, por simples efeito do estudo, ou da análise, ou mesmo de algo que comporta isso e ainda mais: a Formação Psicanalítica, com todo o esforço que implica.

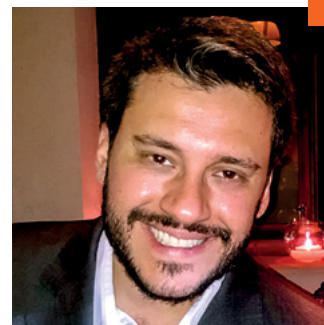
Há rumores de que a IPA estaria passando por uma crise: à exceção da América Latina, estaria sendo difícil formar novas turmas para a Formação. Da mesma forma, há uma sensação de desconexão em vários pontos por parte das Instituições Psicanalíticas em relação à sociedade. Novamente, os argumentos são de que eles têm dificuldade em aceitar a psicanálise, que eles preferem outras soluções. Não acredito que seja o caso. Talvez nós todos sejamos, de alguma forma, culpados e cúmplices também dessa indiferença.

Em relação à sociedade, foram tomadas decisões em vários pontos de que o melhor trabalho para um psicanalista seria atender bem seus pacientes dentro do consultório, e que não haveria bom trabalho para um analista fora dele. Novamente, não discordo. A psicanálise enquanto clínica é um procedimento íntimo, profundo, que requer certa separação em relação ao resto das coisas (o setting) para que funcione. Mas isso não significa que a pessoa do analista deva viver e pensar somente dentro desse enquadre. Fora das portas do consultório o mundo pulsa, convulsiona. Por quantas vezes saímos dessa porta e vamos ver o que está lá fora? Até que ponto, quando fechamos nossas portas, não repetimos o gesto de quem fecha as janelas do carro, após dar sua esmola?

E mais: práticas menos empáticas, menos consideradas em relação à sociedade em geral geram efeitos sobre as próprias Sociedades Psicanalíticas, no que podemos chamar de um narcisismo institucional. A educação psicanalítica já apresenta um viés vertical essencial (no modelo da Análise Didática e Supervisão Oficial), o que não é problemático em si, mas se torna a partir do momento em que se engessa e se furta ao questionamento e ao pensamento. Posturas de isolacionismo e o autoritarismo podem terminar por gerar uma perversão do próprio processo de Formação, fazendo dos Candidatos massa acrítica ou pior, massa cúmplice dessa mesma perversão, buscando alcançar uma sagrada posição de intocável autoridade.

A psicanálise nos forneceu uma formidável ferramenta clínica, que nos permite compreender e trabalhar o conteúdo psíquico de forma

*Vivemos em um mundo
de falsa empatia, de
pretensa consideração.
Falso, não no sentido
de que o sentimento,
a raiz, não seja bem-
intencionado, mas sim na
constatação de que seu
efeito, ao invés de ser uma
apreciação verdadeira, é
uma nova apresentação
da indiferença.*



Leonardo Siqueira

PRESIDENTE-ELEITO DA IPSO E CANDIDATO
DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA SPMG

única, e promover verdadeiras mudanças profundas em nossos pacientes. Mas também mudou catastroficamente nossa forma de ver o mundo, de viver o mundo. Freud não fechou os olhos para essa possibilidade, e acho curioso que, vez ou outra, se atribua a uma suposta pouca habilidade clínica sua preferência pela crítica da ciência e da cultura. Mais do que ninguém, Freud percebeu o potencial transformador do que descobria, e do quão importante era apresentar também essa ferramenta ao mundo. Os filósofos e outros leigos tampouco fecharam os olhos, e todo o pensamento do século 20 foi transformado irreversivelmente pelo pensamento psicanalítico. De fato, nosso ofício não é o do artista, nem o do filósofo, nem o do médico, e nem nenhum outro que não a psicanálise. Mas, novamente, me parece muito estranho que nos furtemos a integrar essa função, e em nossas vidas pessoais poderemos viver esse mundo, e ir até as escolas e as universidades, os hospitais, os movimentos sociais, e ver, ouvir, falar, *participar*.

Se isso não ocorre, a perda não é do mundo, mas nossa – pois se a esquize se aprofunda, que saberemos nós de nossa ferramenta e das mentes de nossos pacientes, nós que não abrimos a janela do carro, nem a porta do consultório?

Ou, para dizer de outra forma: consideramos que a ferramenta de trabalho de um psicanalista é ele mesmo. Sua mente, mais especificamente, mas consideramos hoje que tal mente, ainda que treinada, possui ramificações profundas na estrutura da personalidade, o que nos permitiria dizer que, pelo menos em um sentido amplo, *se faz psicanálise com o caráter*. Se este psicanalista não sai pelas portas de seu consultório, se não vê o mundo, não pensa este mundo, não interage com este mundo, poderíamos nós ainda o considerarmos um bom psicanalista? A psicanálise nos fornece meios para uma verdadeira prática de consideração, ou de diferença (em oposição à indiferença) em relação a si mesmo e ao outro. É uma prática de libertação, de desalienação, de subversão do indivíduo. Pode-se conciliar isso com uma postura de fechamento? Eu creio, verdadeiramente, que não.



Necessidade de ESCUTA PARA ALÉM DO DIVÃ



Renato Parada

Pensar a diferença e a indiferença a partir de variados pontos de vista, inclusive o histórico, é uma das proposições desta edição do Jornal da FEBRAPS. Para ajudar nesta construção, buscou-se a antropóloga e historiadora, Lilia Moritz Schwarcz que trabalha como professora do Departamento de Antropologia da USP e como curadora adjunta do Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Autora do livro **Brasil: uma biografia**, lançado pela Companhia das Letras em 2015, ela traz uma importante reflexão sobre as diferenças e indiferenças construídas ao longo da história colonial brasileira que acabaram deixando marcas perceptíveis em nossa sociedade até hoje. A sociedade brasileira continua desafiada não só pelo seu passado, mas também pela dimensão continental de seu território. Assim, tempo e espaço também se colocam como variáveis a influenciar nossas construções individuais e coletivas. Para pensar sobre isso, convidamos à leitura!

FEBRAPS: Existem características que podem ser consideradas típicas do povo brasileiro ao longo do tempo? Quais seriam elas?

Lilia: Tenho muito medo da noção de “típico”, pois esbarra na natureza e não tem nada de natural, tudo é uma construção histórica, construção política e cultural. Como antropóloga e historiadora que sou, penso que não se atribui à natureza o que é da cultura. Então, o que se pode dizer é que historicamente temos alguns “comportamentos teimosos”, que podem muito bem ser superados e contornados. O primeiro deles é uma herança da nossa persistente convivência com a escravidão. Não se passa em vão pelo fato de ter sido o último país do ocidente a abolir a escravidão; por termos recebido 40% da população que saiu compulsoriamente da África; não se passa em vão por tudo isso. Estamos marcando comportamentos, no que se refere à questão racial, muito persistentes e teimosos, uma espécie de racismo retroativo que é jogado para o outro. O Brasil é um país tremendamente preconceituoso, em que a raça ainda é um *plus*. Basta

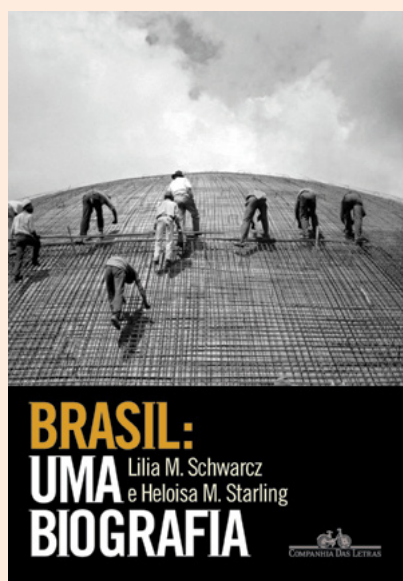
ver os dados de desigualdade social, da justiça e da saúde para constatar que a raça ainda é um marcador social de diferença muito forte. No entanto, nós negamos isso. Durante muito tempo o Brasil se viu representar como um país da democracia racial que ele, com certeza, não é! Esse é um dos traços persistentes, sem ser típico. O outro traço seria nosso patrimonialismo que vimos, por exemplo, aparecer na última votação do *impeachment*. Nós brasileiros, com grande frequência, jogamos para o estado ou para o outro a culpa das mazelas da nossa cidadania. O outro que é corrupto, o outro que é racista, é nós não conseguimos pensar qual é nosso papel nessa cidadania imperfeita, nesse republicanismo imperfeito. Falando em republicanismo, essa é outra mazela da democracia do Brasil. O primeiro historiador do Brasil, Frei Vicente, já dizia, “no Brasil todo mundo é casa e ninguém é república”, pois levamos sempre a frente os valores do privado em detrimento dos valores do público. Por isso viemos praticando um republicanismo muito imperfeito, pois não pensamos em nome do que é público. E, por fim, uma outra característica que é nossa, eu atribuiria ao Bovarismo, que vem de Madame Bovary, bastante retomado por escritores como Lima Barreto e Sérgio Buarque de Holanda: essa mania de nos vermos como outros. Os brasileiros muitas vezes têm uma grande dificuldade de enxergar a sua própria realidade. Sempre usamos espelhos alheios, o que talvez venha do nosso passado colonial, dessa nossa dificuldade de nos vermos.

FEBRAPS: Como a sra. pensa a questão da indiferença com o outro considerando as características típicas do povo brasileiro?

Lilia: Penso que há uma solução de

continuidade muito grande. Vivemos num estado de cidadania imperfeito, porque esse país foi construído na base da desigualdade social e da desconfiança diante da desigualdade. A argamassa da cidadania é a ideia da construção de uma sociedade de iguais. Parte do discurso da escravidão era considerar o outro uma coisa. Você constrói uma sociedade daqueles que existem e dos que não existem socialmente. Uma boa representação são as fotografias das escravas amas de leite. Trata-se de uma tentativa de construção de uma imagem romântica da escravidão, como se isso fosse possível. Não nego que existissem laços de afetividade entre amas e seus senhores, mas também havia traços de muita violência, como as políticas de não identificação. Em qualquer uma dessas imagens quem é identificado é o pequeno senhor nos braços da ama. Ela é quase uma figurante, que raramente tem nome e quando tem é só o primeiro. Essas são políticas de diferenciação. Política que se vê na linguagem da polícia, na violência nos dias de hoje. Eu lamento profundamente a violência que tem tomado a nós todos, em todos as capitais e classes sociais. Mas, em geral, quando uma pessoa da elite é assassinada, ela tem nome, tem identidade, não é só um cadáver. Coisa muito diferente acontece com

Durante muito tempo o Brasil se viu representar como um país da democracia racial que ele, com certeza, não é!



O livro foi uma tentativa de sair do meu terreno, da minha área de conforto. E entendo que cada um na sua área deve tentar fazer a sua parte. Mas, não há uma receita, pois, cidadania a gente constrói.

a geração de jovens negros que morrem no Brasil, pois não tem nome, é sem identificação, é "o menor", "o cadáver". Penso que isso é só um exemplo das políticas de indiferença. A questão pode ser um problema da tolerância no Brasil. Antes tínhamos um país mais plural. Até se pensarmos nas manifestações de 2013 percebemos que poderiam ter diferentes na mesma avenida. Agora só temos políticas de iguais, ou seja, só desfila comigo quem pensa igual. São políticas de diferença e de indiferença. Como diz Hannah Arendt, por mais que esteja acompanhada estou profundamente só, pois só reconheço quem é igual a mim, enquanto a todo o resto sou muito indiferente. A história, a antropologia e a psicanálise são ciências irmanadas, porque percebemos que essas são construções. A cultura é tão forte que ela é quase uma segunda natureza. A cultura naturaliza diferenças, e começamos a achar que são parte de um destino nosso, mas não são! Cabe a nós combatê-la.

FEBRAPSI: Levando em consideração que o Brasil foi o último país ocidental a abolir a escravidão, que apresentamos um enorme desnível em termos sociais e econômicos, podemos pensar a questão da (in)diferença de uma forma peculiar em nosso país?

Lilia: A escravidão é mais que um sistema econômico, ela foi uma linguagem com graves consequências. Assim, é importante pensar o que significa ser um país com passado colonial. O que isso significa em termos de presente. Costumo dizer que o presente está cheio de passado. Não existe uma solução evolutiva, pensamos sempre na perspectiva de progresso, mas isso vale para metrópoles que jamais foram colônias. O que significa ter sido criado sobre a égide de uma metrópole, cuja economia, a lógica, a gênese era dada por um projeto que era metropolitano e não colonial. Há muita literatura que fala sobre a ambivalência de um processo como esse. O Brasil vai carregando isso em suas discussões incessantes sobre identidade, que é uma construção social. É impressionante como países de passado colonial sempre colocam o tema da identidade em questão. Identidade compreendida como um conceito político, relativo, contrastivo e situacional, que a gente vai construindo outros para nós. Nosso passado colonial explica muito a desigualdade social e a diferença que graça entre nós. Podemos pensar nesse nosso passado composto por tantos grupos, colocados na lógica nacional com tantas diferenças. Eu me refiro aos grupos indígenas, aos negros, às imigrações que foram fazendo parte do nosso cotidiano a partir do final do século XIX como os chineses, os japoneses e os alemães. Temos que pensar o que significa ser um país com tantas imigrações e, por outro lado, proporções continentais. Esse país que faz a ficção de um país unificado, mas nós sabemos que é um país muito plural, muito diferente. E a pluralidade pode ser um grande ganho, mas se ela não produzir debate político ela pode

criar também uma grande conversa de surdos. Assim, temos que, obrigatoriamente lidar com a pluralidade na sua gênese. O que estamos vendo nesse governo provisório é que essa pluralidade não tem sido a argamassa! Hoje temos um momento de pouca escuta, de escuta muito sectária. Outra especificidade é o fato de ser um país feito pela grande propriedade e pela concentração de renda que ainda é uma realidade. Há que se pensar o que significa isso, em termos de escuta propriamente dita. O país entrou tarde nas políticas de direito civil, mas entrou, no final dos anos 70. A escuta plural é o nosso grande desafio. Como escutar o diferente e não o igual, o que vale para todos. Quando Durkheim em "As Regras do Método Sociológico" funda uma ciência do social em contraposição à psicologia à época, no final do século XIX fala que a lógica do social não é igual à soma dos indivíduos. Não quer dizer que não existe o indivíduo, quer dizer que se você pensa como sociedade não adianta somar os indivíduos, a sociedade pensa coletivamente, produz em comunidades os sentimentos. Vamos ter que nos abrir a essa ideia de sociedade de coletivo.

FEBRAPSI: Como compreender a contradição entre a indiferença e essa diversidade que mescla inúmeras culturas de diferentes origens?

Lilia: Só existirá um projeto democrático saudável e republicano no Brasil quando pudermos, efetivamente, fazer conviver as diferenças, mas não como maquiagem social. Estamos falando de um governo que fez de secretarias como da igualdade racial, da questão feminina, LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) e outras questões plurais transformadas numa espécie de clichê, onde não há lugar, de fato, para a diversidade na potência contestadora que ela pode trazer. Sou uma pessoa que advoga cotas e políticas de afirmação, pois penso que a diferença faz diferença. Não é só porque temos uma dívida, e temos sim! É possível desigualar para igualar. Eu acredito que observar a realidade a partir de esquinas diferentes é sempre muito produtivo, um exercício democrático.

FEBRAPSI: Como podemos pensar a contribuição da psicanálise nesse momento?

Lilia: Penso que estamos em um momento em que temos que tirar a interdisciplinaridade de um lugar de esquina e trazer para a avenida. É o momento de as áreas todas dialogarem, saindo da zona de conforto e ganhando uma discussão mais pública. É o papel que nós intelectuais temos que tomar para nós nesse momento, se não estaremos fazendo o que acusamos tanto os outros, encastelados nas nossas próprias fortalezas. Cabe a cada um nas suas áreas fazer a reflexão. É um desafio para cada um de nós, da nossa agenda cidadã. O livro *Brasil: uma biografia*, que escrevi com a Heloisa Starling, por exemplo, foi uma tentativa de sair do meu terreno, da minha área de conforto. E entendo que cada um na sua área deve tentar fazer a sua parte. Mas, não há uma receita, pois, cidadania a gente constrói.

SOBRE O SENTIMENTO DE COMPAIXÃO

Bion propõe que consideremos o **mito de Édipo** como descrições de tentativas de resolução de uma **encruzilhada do desenvolvimento**. O psicanalista precisa saber quando está enfrentando um problema dessa natureza para poder aplicar o mito de uma forma que seja **adequada** à situação clínica. Num certo sentido, o analista precisa adequar o modelo de sonho, implícito no texto do mito, e com ele “sonhar” o material fornecido pelo analisando.

Por forma adequada refiro-me a uma tradução dos conflitos do analisando que faça real sentido para o mesmo e para a relação analítica. Além disso é preciso que o sentido desencadeie uma experiência emocional.

Na busca dessa tradução um confronto que podemos nomear entre ontologia e epistemologia se estabelece. A psicanálise possui um campo onde se busca uma origem, mas logo em seguida esta origem precisa ser reolocada em linguagem abrangendo a gama variada de sentimentos envolvidos. Por essa razão, uma interpretação analítica é sempre uma criação de linguagem com dupla tradução; o mito de Édipo traduz o mito pessoal do analisando que traduz algum detalhe do mito de Édipo e, assim por diante.

Bion sugeriu aproximações do mito de Édipo por um vértice que encara outros elementos além dos sexuais. No trabalho *Sobre Arrogância* (1958), a arrogância dos personagens é colocada em evidência para demonstrar a questão metafísica central da psicanálise: a busca da verdade. Esse vértice de leitura, que podemos chamar de ética trágica, mostra a complexidade de um fenômeno ao qual jamais teremos acesso como realidade: a verdade. Isto é, a psicanálise trabalha com um elemento de fundo que é inacessível. Por isso, nesse processo, como veremos adiante, o sentimento de compaixão é fundamental.

Interrompo aqui essas digressões para colocar um material clínico singelo que espero seja esclarecido com as demais considerações que a ele se seguem:

A paciente diz que está tendo dificuldades para me contar uma experiência ruim que teve no fim de semana. Imagino que algo desta natureza poderia estar também ocorrendo entre nós. E pergunto. Ela diz que está preocupada com o que eu poderia achar dessa experiência.

Penso, sem nada dizer, que o verbo achar não é exato. Talvez seja mais exato o verbo julgar. De qualquer forma, o analista costuma achar coisas. Ele precisa aguardar e escutar mais.

A paciente tenta minimizar o relato de sua experiência com um tom jocoso que adota habitualmente em relação a si mesma. Conta-me que saiu com um ex-namorado, e que

acabou dormindo com ele, apesar da história de muitos conflitos penosos que no passado resultaram em uma separação dolorosa e tumultuada. Ela diz: já que eu tinha dito que nunca mais me encontraria com F. o que você acha da situação? Todavia, antes que eu diga qualquer coisa ela prossegue: eu sei que você deve estar pensando que sou uma idiota ou maluca por ter feito isso... Sofro em achar isso, mas acho que é verdade e tenho razão em achar que possas pensar assim... Mas você não me diria se pensasse isso.

Eu digo: acho que podemos olhar para o fato e tentar entender sem julgar. Mas, ao invés, você insinua que não vou ser honesto e sincero contigo... Podemos decidir e pensar no que levou ao fato, enquanto você poderia ter compaixão com você mesma e comigo também, pois é impossível saber do que se trata hoje e muito menos julgar o que seria melhor ou não para você...

Bion diz que compaixão e verdade são tendências do ser humano que estão relacionadas entre si. Elas precisam ser sentidas em mão dupla. A ausência de compaixão corresponde à ausência de verdade. E ambas são essenciais para o desenvolvimento.

Compaixão pode ser entendida como escutar para entender, sem julgar. Qualquer julgamento pode determinar uma parada do desenvolvimento. Um exemplo pode ser obtido na passagem do mito em que Édipo procura o Oráculo de Delfos. Se o Oráculo tivesse usado de compaixão teria procurado entender a ansiedade de Édipo sem julgá-lo um miserável e expulsá-lo de lá. O ato de arrogância do Oráculo corresponde a uma perda da compaixão que levou a dizer apenas uma meia verdade. Perdendo a compaixão o Oráculo foi cruel com Édipo.

Quando Édipo se encontra com Tirésias, o profeta igualmente não tem compaixão e despreza a investigação da verdade que está em curso. Sugere confiná-la em sonhos. Como se alguém ao sonhar estivesse anulado. Tirésias tenta silenciar Édipo.

Na encruzilhada de Delfos, a discussão e a gritaria pelo direito de passagem carece de compaixão. Laio e Édipo não se entendem. Disputam para saber quem é o dono da verdade e do direito de passagem: o jovem forte ou o velho rico. Na tentativa de acabarem com a discussão pela violência e pelo autoritarismo, as consequências são graves: morre Laio por acidente e morre Polifonte o condutor da caruagem. Édipo define mais ainda seu destino trágico. Quando Édipo se confronta com a Esfinge, na entrada da cidade de Tebas, ela interceptava o caminho dos jovens e formulava um enigma, que, segundo a lenda, tinha aprendido com as musas.



Arnaldo Chuster

MEMBRO EFETIVO E DIDATA DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RIO DE JANEIRO

Se o passante não soubesse dar a resposta certa ao enigma, a Esfinge o matava. Assim, eram sacrificados pela Esfinge os jovens tebanos que ousavam tentar crescer e sair da cidade. Temos aqui uma prática com vítimas sacrificiais exigidas por uma autoridade maior. A Guerra é uma expressão em larga escala dessa prática sacrificial que traduz a falta de compaixão simultânea com o afastamento da verdade.

A investigação analítica tem origem em respeitável antiguidade, pois a curiosidade sobre a personalidade é um traço central na história de Édipo, mas também o é o sentimento de compaixão. Significativamente esta curiosidade tem o mesmo status de Hubrys nos mitos de Éden e Babel.

Os elementos comuns que podem ser encontrados nos três mitos são: um deus onisciente e onipotente que proíbe o conhecimento, um modo de crescimento mental, uma atitude de curiosidade e desafio, e uma punição despertada pelas proibições existentes nos mitos. Os modelos de crescimento mental nos mitos são representados pela árvore do conhecimento, o enigma da esfinge e a torre de Babel. A compaixão é uma atitude fundamental para que ocorra crescimento ao invés de punição.

Outro aspecto que cabe destacar é a sensibilidade advinda da capacidade para ter compaixão. Essa sensibilidade permite buscar uma figura literária que serve para mostrar que existe sentido no que parece não ter, que existe algo de enigmático no que parece simples, e que existe uma carga de pensamento profundo no que parece ser um detalhe ingênuo.

Tais figuras não são apenas o material com que a interpretação analítica mostra sua capacidade de interpretar as formações da cultura. Elas são testemunho da presença do pensamento na materialidade sensível, do involuntário no pensamento consciente, e do sentido profundo no insignificante e nas dificuldades extremas do óbvio.

Freud fez com que esse caminho infinito fosse aberto: os fatos desprezados são exemplos e testemunhos do inconsciente. Foi sua compaixão com todos nós que enriqueceu de forma ímpar a humanidade.

“Nesse mundo de indiferenças como pode a psicanálise fazer diferença?”



Recebi, há já algum tempo, o telefonema de um pai que me pareceu profundamente angustiado. Contou ter sido orientado a me ligar, como psiquiatra e, especialmente, psicanalista de crianças e adolescentes. Algo “terrível” acontecera entre ele e seu filho de cinco anos. Quando perguntei, descreveu como o menino se recusara a obedecer na hora de sair e ele, pai, estava em cima da hora para o trabalho, naquela manhã. “Pela primeira vez” ficara com raiva do menino, diz, visivelmente (audivelmente...) emocionado. Tocada por sua profunda angústia, procurei compreender o que se passara, antes de marcar a consulta que me solicitava. Teria se descontrolado, batido no menino? Mas sua descrição foi de um confronto: o menino recusando-se a botar a roupa e ele, muito irritado, gritando com ele. Perguntei se houvera algum contato físico, o que, surpreso, me pareceu, negou. Eu procurei saber que palavras usara. O que pôde me relatar foi que gritara que o filho o estava atrapalhando, que ia deixá-lo em casa. Que o fizera com raiva, “sem consideração”, o que nunca acontecera”. O menino começou a chorar, mas nem mesmo isso o demovera. Deixou-o com a mãe, para que o levasse na avó, aonde iria, e foi embora, sentindo “muita raiva”. Ao longo do dia, sentiu-se gradativamente menos irritado, mas mais angustiado, especialmente porque as pessoas da família insistiam em que fora “muito sério” o que acontecera. Ao voltar para casa à noite o filho estava dormindo. Soube que passara bem, parara de chorar, comera, brincara. Mas os familiares, notadamente a esposa, insistiam que ele, pai, estava muito mal, que precisava consultar alguém, por isso telefonava.

À medida que fomos conversando, foi-se delineando em mim a impressão de um exagero na avaliação da situação, uma “patologização” do acontecimento (menino de cinco anos e pai têm uma briga...). Preocupou-me qual seria a concepção de uma boa relação pais-filhos para esta família: seria este um menino super-protetido?; que temores e fantasias subjaziam a essa “primeira vez” aos cinco anos de idade?; por que a mãe ficara, na descrição feita pelo pai, tão abalada? E, muito, a preocupação do pai, seu desejo, que me parecia genuíno, de “acertar”, seu amor pelo filho. E a busca tão imediata por “aconselhamento de especialista”, a que atenderia?

À medida que fomos conversando, o pai foi-se questionando, lembrando outros momentos difíceis na relação com o filho. Contou-me ser uma pessoa tranquila, em geral, e que se sentia feliz com a família. Sugeriu que houvesse algum susto a ser pensado. Riu e perguntou (nas palavras que tinham me ocorrido!) se estava havendo um exagero na avaliação da situação. E que lembrava muitas brigas com seu próprio pai como “naturais”. Perguntou-me, diretamente, como poderia falar com o filho, se poderia brincar sobre o acontecido, como era comum entre eles. “Me ouvi” dizendo que era uma data a lembrar, já que tinham tido sua primeira briga, ao que o pai riu, afirmando fazer-lhe muito sentido.

Agradeceu-me muito, dizendo não achar que precisava marcar consulta neste momento, que essa conversa lhe devolvera a sensação de que a (agora) “briga” cabia na relação que desejava ter com o filho. Concordei com isso, colocando-me à disposição se e quando sentisse necessidade de entender melhor o que se passara.

Não tive mais notícias deste pai, desta situação. Ao pensar na instigante provocação “num mundo de indiferenças, que diferença pode a psicanálise fazer?” esta experiência veio insistentemente à minha mente. Por que?, perguntei-me. Afinal, não fora uma experiência de indiferença. Talvez o contrário: ligara-me um pai (que imaginei jovem) muito perturbado, por insistência de sua mulher, também abalada, preocupados com cuidar bem de seu filho. Lembro ter ficado eu mesma atingida, intrigada, interessada. A conversa ao telefone foi muito diferente do que costumo fazer. Desde então algumas vezes me perguntei porque acontecera assim, até por reconhecer que, como o pai, fora ficando convicta de ser desnecessário um “tratamento” em função do acontecimento relatado, ainda que minha escuta psicanalítica me trouxesse muitas indagações. Ao contrário, senti que uma indicação de tratamento nessa circunstância específica seria contraproducente. Penso que estava sendo vivenciado um conflito, com seus constituintes conscientes e inconscientes. O oposto da indiferença?

Parece-me, pensando agora, que minha identidade psicanalítica, tal como me é acessível identificar, busca tornar os conflitos vivências geradoras de significado, não “problemas a serem resolvidos”. Busca ampliar o continente mental no qual os conflitos inevitáveis no encontro com o outro, eixo estrutural de nossa existência, possam acontecer.

Sem me deter na interessante reflexão que poderia surgir, ainda mais conversando com colegas que suponho possam ler este breve texto, quero ressaltar que indiferença me fez pensar em não ser atingido, numa falsa (a meu ver) sensação de que o ideal é a não responsividade. Ocorre-me o que aprendi lendo Racker: se



Eneida Iankilevich

PSICANALISTA MEMBRO DA SOCIEDADE
PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

não somos atingidos pelos outros, por nossos pacientes, também não podemos ajudá-los. Se este pai não puder ser atingido por seu filho, se não reagir com fortes emoções a este encontro tão essencial, talvez a riqueza, o crescimento, o aprendizado para ambos fique impedido, com consequências que podem ser, essas sim, “terríveis” para o filho – e para o pai.

A psicanálise nasceu marcada pelo questionamento da indiferença, poderíamos dizer: as primeiras pacientes de Freud tinham histeria como diagnóstico e “la belle indifférence” como sintoma marcante. Sintoma a serviço de manter separado o afeto doloroso, sintoma que é “formação de compromisso” que revela conflito, conflito que, compreendido, dá significado à vivência, devolvendo a possibilidade de desenvolvimento às pacientes. E uma outra possibilidade de entendimento da complexidade humana que se desdobra, também, no método psicanalítico, que tanto lutamos por exercer.

Winnicott considera o “concern” uma aquisição do desenvolvimento. Quando um indivíduo é capaz de preocupar-se com o outro, afirma, muito já aconteceu. O caminho até o reconhecimento da alteridade exige a construção da individualidade, da privacidade de onde podemos estabelecer relações, sonhar, viver. O que impõe o luto pela ilusão de ser absolutos que, acredito, temi pudesse estar sendo atribuído àquele filho, mesmo na melhor das intenções conscientes.

São múltiplas as possibilidades de pensar a abrangente provocação proposta. Poderia ter feito uma reflexão histórica, política, social, ou a partir de questionamentos com o mundo que nos cerca. Percebo ter privilegiado um vértice que parte da concepção de ser a indiferença o mais comum, o mais habitual no ser humano, como o demonstra qualquer noção de história da humanidade, tanto antiga como atual. Às vezes como método de sobrevivência, em períodos muito conturbados. Em geral, acredito, dentro do que Winnicott, entre outros, descreveu, em função do difícil trabalho de luto necessário para admitir o outro como igual e necessário. E a nós mesmos como incompletos. A dificuldade deste processo, que pretenderíamos natural, se faz perceber nas ideologias, nas intolerâncias, na brutalização, na desumanização que testemunhamos na sociedade e, por vezes, em nós mesmos.

A contribuição da psicanálise, acredito, está no esforço para a construção da individualidade a partir da qual reconhecemos o outro como igual e necessário, preocupamo-nos com ele. Individualidade que impõe a responsabilidade por nossos próprios atos. Tarefa para cada tratamento psicanalítico individual que empreendemos e, quem sabe, para situações mais amplas em que possamos nos manifestar.

Nesse mundo de indiferenças, COMO A PSICANÁLISE PODE FAZER ALGUMA DIFERENÇA?

A Psicanálise, desde seu nascimento, apresentou ao mundo uma série de ideias atordoantes. Levando a histeria a sério, dando voz aos excluídos da razão, identificou a ligação entre infância, sintomas psíquicos, sexualidade e inconsciente. Colocou em posição muito desconfortável o projeto racional e científico de classificação da loucura ao identificar apenas quantitativamente sua diferença em relação à sanidade. E a moral, tão querida na era vitoriana, segundo a Psicanálise, repousa desde o início no nojo e na vergonha - quem diria? Nem o casamento se salvou do sofrimento que a relação entre repressão sexual e neurose causa. Freud afirmou que os sonhos faziam sentido na trama dos desejos do sonhador. As obras de arte, expressão maior da civilização, e até a ciência tinham origem comum, eram produtos da força indomável do prazer proibido. Fez emergir das profundezas da espécie a origem da culpa - e não é que estava intrinsicamente relacionada ao ódio ao pai, ao medo de retaliação e a pitadas de amor? Até do amor a Psicanálise se ocupou, e em suas entranhas a sexualidade o penetrava de tal maneira, que ficamos vexados. Desde então, procuramos sem sucesso as fronteiras entre o amor próprio e o amor ao outro. A mais pueril criança é lasciva, o mais desinibido instinto de sobrevivência conspurca contra a moral e os bons costumes. A sexualidade nunca termina, embora seja construída ao longo de um caminho de experiência, emoção e fantasia, está sempre clamando por liberdade e encontrando atalhos e esconderijos para se realizar. A escolha de objeto sexual nem sempre se fixa num gênero específico. Os gêneros masculino e feminino também são construídos ao longo da infância e da vida. Filhos desejam a morte de seus pais, desejam possuir a mãe, o pai e os irmãos. A família é uma novela quixotesca e trágica. Nossos mais altos ideais são restos de amores interditados. Desejamos ser deuses e o somos apenas quando amados no berço. A ordem esconde a desordem. A vida veio perturbar a morte soberana. O homem criou deus para não morrer de angústia diante de seu próprio e irremediável desamparo. O medo é o pano de fundo da vida. Adoecemos neuroticamente para não enlouquecer. A loucura é a cura meio mal sucedida de um sofrimento maior. O custo da civilização é o mal-estar permanente. A vida não tem sentido nem visa ao progresso. Cabe a cada um dar significado ao viver. Moisés não era judeu. Eu e você, todos nós, temos um instinto que trabalha quietinho para a nossa morte, mas esse instinto é muito orgulhoso e cômico de

seu valor, portanto, repudia acidentes mortais fora de seus desígnios. A vida é conflito. A vida é angústia. Morte e vida se amalgamam. Talvez você leitor se lembre de outras ideias atordoantes da Psicanálise. Ideias que fizeram e fazem alguma diferença em nossas vidas. Duvido conseguir recolher todas, nem se tivesse duas vidas teria êxito. Talvez não tenhamos novas ideias, porque o mundo engoliu as nossas - o processo primário descrito por Freud passeia pelas ruas virtuais, se espalha na internet de tal maneira que hoje acordados confundimos coisa, imagem e pensamento. Depois dizem que o inconsciente não produz nada concreto além de ideias. Como se ideias não fossem o mundo.

É bem possível que ideias atordoantes já estivessem espalhadas em obras artísticas, em tratados filosóficos e em estudos científicos, não sendo tão inovadoras se vistas de maneira isolada. Quem sabe a diferença feita pela Psicanálise tenha sido apenas reuni-las num conjunto articulado de tratamento, teorias e método científico. Talvez as teorias envelheçam e à luz do tempo façam pouca diferença. Talvez essa história de encontro entre duas

*A sexualidade
nunca termina,
embora seja
construída ao longo
de um caminho de
experiência, emoção
e fantasia, está
sempre clamando
por liberdade e
encontrando atalhos
e esconderijos para
se realizar.*



Luciana Saddi

PSICANALISTA, MEMBRO EFETIVO DA SOCIEDADE
BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO

peçoas para conversar se torne proscriita, é simples demais - um fala tudo que lhe vem à cabeça, o outro escuta como se estivesse passeando num jardim colorido, sem compromisso com a razão e os bons costumes, às vezes isso se inverte e quem escuta fala, quem fala escuta e mesmo assim, funciona, o processo analítico tem lógica própria. Que o diálogo analítico seja a mais pura conversa de loucos pode não fazer muita diferença, embora permita chorar por perdas recônditas e jamais vividas, possibilite sentir emoções nunca antes nomeadas e dê passe livre para temas, para restos e para o lixo que nos povoa e nos assombra. E quem já experimentou esse tipo de alívio sabe que tem alguma importância na arte de viver.

A Psicanálise fala com os proscriitos que insistem em retornar do inferno em forma de mortos vivos - algumas vezes até os resigna, mas pode ser que isso não faça mais tanta diferença nos dias de hoje, afinal temos acesso, sem censura, a mais alta e extensa produção pornográfica da história - vivemos num mundo diferente do mundo vitoriano, os pecados mudaram de lugar e pecam menos.

É possível que a análise da Cultura empreendida por Freud e levada adiante por um punhado de analistas não faça a menor diferença hoje, mesmo quando um analista visionário nos anos 1980 apontou que o mundo estava condenado a viver sob o regime do atentado, afirmando que a perda de substância do mundo cobrava seu preço em forma de violência espetáculo.

Nós analistas por fé e profissão não temos o costume de fugir diante dos sofrimentos, das dores e das mais intensas paixões, mas pode ser que hoje os medicamentos amenizem tudo isso, amenizem a própria vida e num mundo ameno, domesticado, façamos pouca diferença.

Pode ser que a diferença resida somente na grande descoberta de nosso pequeno, controverso e potente método científico, que, de certa maneira, maneira meio torta, revela que sentido cura. Quiçá a diferença seja apenas transformar sofrimento em palavra. E como dizia o poeta e ensaísta Otavio Paz, não há tempo nem cultura que não tenha criado sua própria forma poética. Então, vai ver que Psicanálise é apenas poesia.

EM HOUSE OF CARDS

A história em *House of Cards* é complexa, podendo ser abordada por muitos vértices. Pretendo focar a frieza e indiferença que se apresentam nos protagonistas Frank e Claire. Há neles profunda desconsideração pelos afetos alheios e evasão arrogante e onipotente das próprias emoções, espécie de soterramento de afetos, fragilidades e necessidades humanas. Vista desse vértice, *House of Cards* é um tratado sobre o potencial humano de destrutividade e indiferença e sobre o potencial para esquivar-se da dor e do enfrentamento da verdade.

A primeira cena condensa toda a trama a ser narrada. Ouve-se uma brecada de carro e o uivo de um cão. Frank sai de sua casa, aproxima-se do animal atropelado e percebe que ele está vivo, em sofrimento. Ele declara, olhando arrogantemente para o espectador: "Há dois tipos de dor: a que o torna mais forte e a inútil, que se reduz a sofrimento. Não tenho paciência para inutilidades." E continua: "Momentos como este exigem alguém que aja, que faça o desagradável, o necessário". Ele aperta a jugular do cão até matá-lo e diz: "Pronto, a dor parou!" Os vizinhos, donos do cão, aparecem e Frank se prontifica a ajudá-los dizendo que seu guarda tentará encontrar o carro que atropelou o cão. Apresenta-se generoso e solidário, quando é assassino e dissimulado.

O atropelamento reverbera durante a narrativa, não mais como um carro que atropela, mas como um funcionamento mental implacável, em que há tentativa de eliminação do Outro, para que se cumpra a ilusão de um reinado absoluto do Eu, em que é eliminada a necessidade de se confrontar com a incompletude, a alteridade, a dependência, o desamparo e a dor psíquica que acompanham a experiência existencial humana.

Sentimentos de ódio impulsionam funcionamento primitivo, muito bem representado na cena em que Frank vai à churrascaria. São 7h30 da manhã, na periferia, um boteco sem qualquer sofisticação. Frank come as costelas com as mãos vorazmente. O cenário e a ação remetem a comportamentos selvagens: o predador devorando a presa. Comer com as mãos é a figuração da ausência de marcas civilizatórias, interposição entre desejos e realizações.

Frank se apresenta voraz, com fome de poder e sem escrúpulos para eliminar os obstáculos entre seus desejos e objetivos. O "eliminar obstáculos" inclui usos e descartes de pessoas, consideradas presas a serem abatidas e devoradas. As pessoas são peças e ele é o jogador. Frank possui incrível habilidade para perceber a fragilidade dos outros e usa essa astúcia para manipular e controlar.

Essa característica de Frank fica mais clara no caso de Peter Russo, deputado democrata,

alcoólatra e dependente químico, usado como escada para chegar à vice-presidência. Ciente da vulnerabilidade de Russo, Frank lança-o como candidato a governador de seu Estado, porque previa que ele não sustentaria as pressões de uma candidatura. Russo apresenta-se como quem superou os vícios e faz disso o slogan de campanha. Russo, em viagem de campanha, há meses sem usar álcool ou cocaína, é "tentado" por uma prostituta (contratada por Frank) a passar uma noite com ela, bebendo. No dia seguinte ele se apresenta bêbado em uma entrevista. A continuidade de sua candidatura se torna inviável. A dramaticidade se intensifica porque há sinais de que Russo poderia se suicidar diante dessa situação tensa. Frank aproveita-se e o assassina, simulando suicídio. A crueldade na situação de manipulação emocional é imensa.

Caso similar acontece com Zoe, jornalista política que Frank atrai para divulgar matérias contendo informações que deixa "vazar" intencionalmente. Eles passam a ter um "caso" em que prevalecem dominação, submissão, uso e abuso de um pelo outro. Essa personagem é importante, porque vai percebendo a capacidade de manipulação de Frank e passa a desconfiar de que ele estava envolvido na morte de Russo. Quando está perto de descobrir a verdade, Frank, percebendo-se ameaçado, assassina-a de modo brutal: atira-a nos trilhos do metrô no momento em que o trem se aproxima. A cena é chocante. O espectador tem contato com a frieza de Frank, anunciada na cena inaugural em que mata o cão.

Apresentam-se, nesses assassinatos, violência que excede a brutalidade física. Incluem assassinatos do espírito, expressos na amputação da condição de vínculo, inerente ao humano. É a brutalidade contra a sensibilidade, o respeito, a compaixão e a afetividade.

André Green fala da *função desobjetalizante* como a manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte. Ela opera no sentido do desinvestimento, do desligamento, da ruptura de vinculações. Dessa forma, destitui o objeto de significado e abre caminho para atrocidades não só em *House of Cards*, mas na história da humanidade: nas perseguições na idade média, nas grandes guerras,... A pulsão de morte, na constituição humana, pode tomar a liderança em relação à pulsão de vida e espalhar o horror.

À semelhança de Frank, Claire Underwood tem sua casca de madeira: sua fisionomia expressa frieza, indiferença, arrogância. Mas tem conflitos internos, que não aparecem em Frank. Nela é possível entrever relances de sensibilidade. Ao longo da série essa sensibilidade por vezes "atrapalha" os planos, o que faz com que ela intensifique suas defesas: a camada de madeira vai ficando mais espessa.



Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis

PSICANALISTA, MEMBRO EFETIVO E ANALISTA DIDATA DA SBPRP E MEMBRO ASSOCIADO DA SBPSP

O escritório da ONG que ela dirige é decorado com fotografias de um artista com quem tem um vínculo de aproximações e afastamentos. Claire quer se entregar à experiência amorosa, mas mecanismos poderosos de esfriamento a fazem recuar. O fotógrafo artista é associado ao olhar sensível, que busca flagrar a vida em toda sua exuberância de beleza e dor. Isso indica que Claire procurava nessa relação alimento para sua dimensão sensível. Mas, a relação é destruída por ela, envolvendo-o em uma trama em que é levado a mentir em rede nacional. Mais uma vez, a pulsão de morte está no comando e Claire mata as emoções que insistem em brotar. No entanto, como nos lembra Freud, o que tentamos eliminar de nossas mentes, não se aquieta, mas "prolifera no escuro". As emoções, com sua propriedade de escoar por entre as frestas, fazem suas aparições: Frank e Claire são atormentados por pesadelos, que trazem os fantasmas que tentam soterrar. Em um raro momento de exposição de fragilidade, Claire conta a Frank um pesadelo: ela tenta tirar uma criança de uma árvore. A planta segura a criança prendendo-a nos galhos. Claire continua puxando, até que a criança se despedaça. Estão presentes no sonho representações da vida nascente que se estrçalha, perdendo-se potencial de vivacidade e criatividade. Claire mata a vida em si mesma. Arranca de modo brutal a própria sensibilidade.

Que Homens são estes? Que mentes são estas? Estarão presentes só no universo político? O que falam sobre cada um? Não são mentes da contemporaneidade; são do humano em seu confronto entre as forças de vida e de morte, criatividade e destrutividade extremas. Estavam já narradas em Shakespeare: Macbeth, Otelo, Ricardo III. Quinhentos anos mais tarde continuamos a investigar e tentar compreender a natureza do mal em nós. Como analistas lidamos com ele no cotidiano das salas de análise, nos analisando e em nós mesmos, em suas mais diferentes formas de apresentação e representação. Pode ser útil ter consciência de que Frank e Claire nos habitam e tem potencial para assassinar almas.



Próximo congresso da FEBRAPSÍ debaterá a morte e a vida

A escolha de um tema tão abrangente – Morte e vida: novas configurações – para o próximo Congresso da FEBRAPSÍ a realizar-se em novembro de 2017, em Fortaleza, busca acolher as diversas contribuições na clínica, na teoria bem como na cultura dos nossos tempos.

O diretor científico do Congresso, Ney Marinho, destaca que “tanto a morte quanto a vida têm nos solicitado a repensá-las neste novo milênio. O espetacular desenvolvimento da tecnologia contrasta com a violência do terror que o iniciou. Assim como formidáveis e sucessivos inventos convivem com formas arcaicas de relacionamento e sobrevivência, um mundo de exuberância coetâneo com a desigualdade, a fome e a miséria!

Se em muitos lugares se morre antes dos trinta, em outros, depois dos oitenta! Temos até uma clínica do envelhecimento. Velhos e novos problemas nos desafiam como a guerra, uma paz consistente e duradoura, as migrações, atualmente universais e mais dramáticas, o preconceito, assim como o respeito pelas diferenças”.

Da mesma forma, os grandes desenvolvimentos da psicofarmacologia, por maiores que tenham sido suas contribuições, não deram conta da miséria afetiva humana de que falava Freud. A percepção é de que as relações entre a psicanálise e a psiquiatria se distanciaram em prejuízo de ambas e, sobretudo, de uma aprofundada investigação das psicoses. A retomada deste diálogo se tornou um novo desafio.

MORTE E VIDA NOVAS CONFIGURAÇÕES

XXVI CONGRESSO
BRASILEIRO DE PSICANÁLISE
1º a 4 de novembro 2017
Centro de Eventos do Ceará
Fortaleza | Ceará

FEBRA  PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE